

DISCUTINDO O RACISMO NAS RELAÇÕES DE TRABALHO: UMA EXPERIÊNCIA COM JOVENS E ADULTOS

Sheyla Alves Xavier (UFPE) sheyla.xavier@hotmail.com

Maria Leandra de S. Ferreira (UFPE) leandrasiqueir@hotmail.com

RESUMO

A diversidade presente entre os discentes das turmas de jovens e adultos, suas diferentes idades, diferentes experiências de vida e diferentes bagagens culturais exige reflexões sobre identidade. Mediante o planejamento e execução de sequência didática com a temática da discriminação racial em meio às relações de trabalho, foi possível apresentar aos alunos, utilizando mídias diversas, o quanto a cor da pele ainda influencia o lugar do negro no mercado de trabalho. A partir desse tema, os alunos relataram fatos que mostram a falácia de um país que se diz “não racista”. “Em termos políticos, a ênfase da identidade deriva do reconhecimento de que certos grupos sociais têm, há muito, sido alvo de inaceitáveis discriminações” (MOREIRA; CÂMARA, 2008, P. 39). No decorrer das atividades, observamos o quanto a temática é intrínseca às circunstâncias que os agrupam nas turmas de EJA, como a impossibilidade ou dificuldade de realizar os estudos na idade regular, necessidades relacionadas ao trabalho, expectativa de aprendizagem e desenvolvimento pessoal.

Palavras- chave: Racismo, Educação de Jovens e Adultos, Trabalho.

ABSTRACT

This diversity among students of classes for youth and adults, their different ages, different life experiences and different cultural backgrounds requires reflections on identity. Through the planning and execution of instructional sequence with the issue of racial discrimination in the midst of labor relations, it was possible to introduce students, using various media, how much skin color still influences the place of blacks

in the labor market. From this theme, students reported facts that show the fallacy of a country that says "not racist." "In political terms, the emphasis of identity stems from the recognition that certain social groups have long been subjected to unacceptable discrimination" (Moreira, CAMERA, 2008, P. 39). During the activities, we observe how the theme is intrinsic to the circumstances that group classes in adult education, such as the impossibility or difficulty of performing the studies in the regular age, work-related needs, expectation of learning and personal development.

Keyword: Racism, Youth and Adult Education, Labor.

INTRODUÇÃO

O Brasil apresenta um mercado de trabalho que ainda contribui para reforçar a exclusão de negros e negras no campo social e econômico. Para compreendermos tal exclusão, é necessário analisarmos a trajetória da população negra brasileira que os conduziu da escravidão colonial à subalternidade no mercado de trabalho. Deste modo, considerando a escola como espaço de rica diversidade ainda há ausências no que diz respeito à discussão das relações raciais, principalmente, aos sujeitos da modalidade de Educação de Jovens e Adultos (EJA) que necessitam de práticas educativas voltadas para o atendimento das classes populares e superação das diferentes formas de preconceito, dentro e fora do ambiente escolar.

Para ampliarmos o âmbito da discussão que interliga a trajetória de dificuldades da população negra e o perfil do aluno das turmas de EJA é necessário contextualizarmos o Brasil desde o período Colonial no que diz respeito à temática racial. O contexto político-econômico do Brasil na primeira metade do Século XIX, que consistia no modelo latifundiário de monocultura agrícola, utilizava mão de obra escrava baseada no tráfico negreiro e tinha a igreja católica como fator determinante nas relações sociais. A partir desses aspectos foi possível compreender os estigmas das relações raciais no Brasil e a “cor da pele” como forte característica para dificultar o acesso à educação.

Historicamente, a população pobre tem dificuldade de acesso à educação e mesmo após o fim da escravidão, a população negra/pobre foi submetida ao trabalho exaustivo que confrontava com a educação à cerca da possibilidade de estudar. Essa característica é recorrente na educação pública e aos sujeitos da EJA, que tiveram o trabalho como inimigo dos estudos e só após a faixa etária regular conseguiram acesso/retorno às salas

de aulas. A lei 9.394/96 estabelece, no art. 4, inciso VI, “oferta de ensino noturno regular, adequado às condições do educando”; e no inciso VII, “oferta de educação escolar para jovens e adultos, com características e modalidades adequadas às suas necessidades e disponibilidades, garantindo-se aos que forem trabalhadores as condições de acesso e permanência na escola”. É bem verdade que é crescente a preocupação em políticas públicas de acesso à educação, porém essas, vêm acompanhadas de discussões sobre a importância de se considerar as particularidades desse público.

No contexto das discussões em torno da implementação da lei 10.639/2003 que versa sobre dispositivos legais no que diz respeito ao ensino sobre História da África e da Cultura Afro brasileira, faz-se necessário educar para promoção da igualdade racial e isto representa significativo avanço para a luta em favor de oportunidades e condições de trabalho favoráveis, independente de classe, raça e gênero que se contraponha ao racismo presente no modelo capitalista através de práticas educativas que despertam para a consciência de situações que são permeadas pela opressão em diferentes espaços.

É importante que nosso/a estudante perceba com clareza a existência de preconceitos e discriminações e verifique como podem estar afetando suas experiências pessoais, assim como a formação de sua identidade. É importante que o/a aluno/a compreenda as relações de poder entre grupos dominantes e subalternizados (homens/mulheres; brancos/negros), que tem contribuído para preservar situações de privilégio (para dominantes) e de opressão (para subalternizados) (MOREIRA; CÂMARA, 2008,p. 47)

Em suma, com base nessas informações, o trabalho desenvolvido com os alunos da EJA buscou propiciar momentos de discussão e construção de conhecimento à cerca de duas temáticas pertinentes aos sujeitos da EJA com relação à discriminação racial: O racismo no trabalho e no trajeto de acesso e permanência na escola.

METODOLOGIA.

A intervenção pedagógica foi desenvolvida na Escola Municipal Nossa Senhora da Penha, localizada no bairro de Boa Viagem, em Recife. No turno da noite atende as turmas de adultos oriundos das comunidades que circundam o bairro que a escola está inserida, bairro este localizado em área nobre da cidade.

Para traçar o perfil dos alunos, adequando às práticas a serem desenvolvidas de modo pertinente a seus interesses e inclinações realizamos entrevista com cada um dos alunos abordando além de sua identificação, verificar seu posicionamento diante de questões a temática racial e ao mercado de trabalho. Constatamos que, dos 16 alunos frequentadores assíduos, 9 eram mulheres, todos com faixa etária entre 22 a 56 anos. Desses, 12 possuem atividade remunerada, dentre as mulheres, 7 são empregadas domésticas. Outras atividades frequentes entre os alunos são a de auxiliar de serviços gerais e comerciantes.

Considerando a escola como um espaço de construção de conhecimento e valorização cultural, a sequência didática aplicada teve por objetivo resgatar a valorização da identidade racial em meio as relações de trabalho, tema social presente na vida dos sujeitos da EJA que alcança também os objetivos do ensino de história para esta modalidade:

Um dos objetivos fundamentais do ensino de História é desenvolver a capacidade de reconhecer diferentes formas de relações entre pessoas, grupos, etnias, povos, classes sociais, seja no local e nos círculos próximos de vivência do aluno, seja em espaços mais distantes ou em outras épocas e lugares. Esse objetivo vincula-se à preocupação de repensar a identidade e seu significado na sociedade brasileira atual. (BRASIL, 2002, P. 111-112)

Definimos como metas mostrar aos alunos a discriminação racial ainda presente nas relações de trabalho, identificar as raízes da posição atual do negro no mercado de trabalho ligada à trajetória da população negra desde a escravidão, dificuldade de acesso à escolarização, estimular o respeito à diversidade e reconhecimento cultural e social.

A discriminação racial foi o eixo temático para a intervenção e os temas foram abordados através de diversos recursos, como músicas, vídeos, documentários e do trabalho didático com os gêneros textuais, na ocasião, notícia e charge com o intuito de, segundo os parâmetros curriculares nacionais para o ensino da língua portuguesa para Jovens e Adultos, discutir, de forma transversal, a pluralidade cultural por se tratar de atividade importante para compreensão de valores e concepções vinculados aos textos.

Análise de Resultados

Considerando a escola como um espaço de construção de conhecimento e valorização cultural, a sequência didática aplicada teve por objetivo resgatar a valorização da identidade racial em meio às relações de trabalho, tema social presente na vida dos

sujeitos da EJA para resultar em novos conhecimentos, novas posturas, novas representações, e novas identificações.

Para iniciar o projeto didático fez-se necessária exposição sobre o tema: Escravidão no Brasil (1530 - 1888), contextualizando as condições históricas em que se caracterizou a escravidão.

Os alunos não manifestaram conhecimentos prévios à cerca do assunto, trazendo a ideia de conteúdo inédito para eles ou tratado anteriormente com pouca profundidade. Isso dificultou que os educandos compreendessem como o passado de escravismo contribuiu para determinar o lugar social atual do negro, negando-os o entendimento da relação entre passado e presente. Para driblar essa dificuldade foi necessário aprofundar a exposição sobre o processo de escravidão que marcou a história do Brasil. Durante essa exposição os alunos participaram com discursos que faziam relação entre o tema e as histórias dos escravos retratadas nas telenovelas Brasileiras. As abordagens das telenovelas no período escravista disfarçam as trajetórias de resistências do povo negro e reforçam os estereótipos dos heróis brancos que permitiram o feito da libertação dos escravos. Isto nos mostra o quanto a trajetória da população negra é negligenciada durante a escolarização e negada ao público que está retornando à sala de aula. Para ampliar a discussão, os alunos ouviram a música, “A mão da Limpeza”, do compositor Gilberto Gil. Após a audição foi aberta uma roda de diálogo com a temática “o lugar do negro no mercado de trabalho”. Ainda embasados pelo conhecimento recém-adquirido sobre o processo e efeitos da escravidão, os alunos reconheceram que os negros são quem ocupa os cargos de menor remuneração no mercado e que isso tem raízes no problema social causado pela situação dos negros pós-abolição. Situação esta que engloba a desigualdade de acesso a escolarização de qualidade desde esse período.

Com relação aos negros, não havia impedimento legal para frequentar as escolas oficiais quando na condição de livres, embora isso certamente não se tratasse de algo simples, pois, além de enfrentarem a discriminação racial legitimada pelo sistema escravista, também tinham de lidar com uma educação elementar precária ofertada aos pobres como um todo, diante do pouco investimento no ensino público (LUZ, 2013, p.73)

Durante a discussão, os alunos conseguiram se expressar sobre o quanto a falta de oportunidades/condições de estudar na idade regular refletiu nas suas posições sociais e profissionais. Podemos observar essa concepção no depoimento a seguir:

“É...realmente não é igual pra todo mundo não, se eu tivesse estudado, eu não era empregada, né?” (Aluna A, 32 anos)

Para enriquecer os momentos de construção do reconhecimento do Brasil como um país racista, foram utilizadas charges com sátiras à discriminação racial nas relações trabalhistas. Antes de introduzir as imagens foi necessária uma breve exposição da charge enquanto gênero textual, analisando-as como desenhos caricatos onde o texto traz uma denúncia política e social e humor implícito nas mensagens. Os alunos despertaram para as imagens que reforçam situações de discriminações que reforçam a inferioridade da população negra. Entre as situações há: a dificuldade de se colocar no mercado de trabalho e o estereótipo do negro carente e descapitalizado ocupante das vagas que exigem pouca escolaridade, como o serviço doméstico. Esse momento foi importante para que houvesse a compreensão que há casos que ferem suas identidades enquanto negros e trabalhadores.

Dando continuidade à temática da Discriminação Racial e as Relações de Trabalho, foi exposto na sala de aula documentário que tratava sobre o tema trabalho. O documentário apresentado aos alunos trouxe um cenário muito próximo ao contexto social no qual o público alvo dessa intervenção está inserido: Maior número de mulheres, em suas maiorias negras, sem acesso à educação ou com instrução básica. A partir das respostas coletadas na primeira etapa metodológica, na qual todos os alunos afirmaram nunca ter sofrido discriminação racial, verificamos que os alunos não se apropriavam das múltiplas faces do racismo no Brasil, principalmente, as mais sutis. Essas faces contribuíram para naturalizar as desigualdades de gênero e raça que, por muitas vezes, o excluíram tanto do mercado de trabalho como em outros espaços sociais.

Pensar a diferença é mais do que explicitar que homens e mulheres, negros e brancos se distinguem entre si. Significa compreender que, ao longo do processo histórico, as diferenças foram produzidas e, muitas vezes, usadas como critérios de seleção e exclusão. Mas esse processo nunca foi construído por uma única via. Paralelamente a toda construção político- ideológica de exclusão dos ditos diferentes, esses sujeitos se organizaram em lutas e construíram estratégias de resistência. (GOMES, 2007, p.101)

Após identificação e reconhecimento das dificuldades vividas no enfrentamento das situações de discriminação e preconceito e sua relação com o mundo do trabalho que

foram apresentados no documentário os alunos relataram fatos de sua vida em que passaram por situações de discriminação e preconceito.

“Eu fui criada por uma família branca e rica, eles me sustentava, mas eu tinha que fazer os trabalhos da casa. Nunca fui considerada como filha e só os filhos deles iam para a escola, eu não. Ficava cuidando da casa o dia inteiro, fui escrava, né!?” (Aluna B, 56 anos.)

Utilizando o gênero textual notícia demos seguimento a temática, levando para a turma a importância do uso do referido gênero, explanando sobre a sua estrutura e características, destacando-o como instrumento de leitura e escrita utilizado para a divulgação dos mais diferentes fatos do cotidiano. Durante a ocasião foram levadas notícias de jornais e revistas, abrangendo temas como o trabalho, preconceito, diversidade cultural, alguns desses materiais foram extraídos de jornal local onde trata também sobre a violência, entre eles casos de roubo e morte envolvendo jovens, de classe social marginalizada, bem como crimes de racismo e injúria racial, explicando aos alunos as principais diferenças entre os termos anteriores.

O racismo é crime previsto na Constituição Federal do Brasil promulgada no dia 05 de outubro de 1988, tendo caráter inafiançável e imprescritível; ou seja, é um crime ao qual não cabe fiança, e a vítima pode responsabilizar o autor do crime a qualquer momento. (PEREIRA, 2010, P. 100)

Percebemos que apesar de termos ressaltado o racismo enquanto crime os alunos expressaram as dificuldades em se fazer justiça em nosso país.

Como estratégia de valorização da identidade racial e social, desenvolvemos uma exposição com diferentes sujeitos que se destacaram por suas atividades e lutas na defesa de uma sociedade igualitária. Através de seus trabalhos enquanto escritores, poetas, músicos, militantes, mas, sobretudo, enquanto negros conscientes das suas potencialidades trouxeram à tona a denúncia de uma sociedade que segrega e discrimina os diferentes sujeitos que não se adequam ao padrão europeu estabelecido.

Convive, no Brasil, de maneira tensa, a cultura e o padrão estético negro e africano e um padrão estético e cultural branco e europeu. Porém, a presença da cultura negra e o fato de 45% da população brasileira ser composta de negros (de acordo com o censo do IBGE) não tem sido suficientes para eliminar ideologias, desigualdades e estereótipos racistas. Ainda persiste em nosso país um imaginário étnico-racial que privilegia a brancura e valoriza

principalmente as raízes europeias da sua cultura, ignorando ou pouco valorizando as outras, que são a indígena, a africana, a asiática. (BRASIL, 2004, P.8)

Ainda nessa perspectiva, propomos aos alunos um debate em torno da valorização da identidade, onde o que se pretendia é que falassem sobre suas experiências no campo do emprego seja ele formal ou informal, onde perguntamos qual é a importância do trabalho e o papel que a educação exerce nas suas vidas. Obtivemos respostas como:

“O trabalho é importante por que me dá condições de pagar as contas e sustentar a casa, meu salário poderia ser melhor, mas é o que eles podem pagar, meu estudo só pude voltar agora, mais quero muito aprender e poder escrever o que tiver vontade” (Aluno B, 38 anos)

“Gosto de trabalhar, me sinto bem pois meu dinheiro ajuda a manter minha casa e meus filhos, me sinto cansada por que tenho que tomar conta da casa dos patrões e faço bolos pra vender e ganhar mais um dinheirinho, estudar acaba sendo puxado, chego sem cabeça na escola mas sei que preciso estudar pra não depender de ninguém, e não ter mais vergonha de não saber nem ler nem escrever” (Aluna C, 40 anos)

Analisando as entrevistas realizadas durante o procedimento metodológico inicial, os alunos apontaram, em sua maioria, que os motivos de tardio acesso ou evasão escolar foram relacionados à necessidade de se inserirem no mercado de trabalho para prover o sustento de suas famílias.

Considerações Finais

Em suma, apesar de no contexto inicial todos os alunos terem dito que nunca sofreram discriminação racial nem preconceito, tanto no ambiente de trabalho como também em outros espaços sociais, pudemos perceber que não se apropriavam ou não sabiam o sentido amplo que tais discriminações agregavam, sendo assim nosso trabalho pôde contribuir de maneira efetiva na formação e conscientização desses sujeitos que há tanto vem sendo discriminados e marginalizados tanto pela sociedade e pelo nível escolar abaixo do almejado para obtenção de status diferente.

Nesse sentido ficou muito perceptível a falta de informações que os alunos tinham a respeito da relação entre a cor da pele, tipo de emprego, renda, educação, preconceito, discriminação e marginalização. Evidenciando a negligência dos profissionais da

educação em discutir e perceber a importância da discussão da questão racial entre os alunos da EJA. Segundo Gomes (2007, P.102):

Discutir EJA em questão racial é inserir-se em um plano político! A compreensão dessa realidade não significa nenhum apelo romântico à diversidade étnico-racial. Significa compreender a complexidade, o dinamismo e o desafio do que representa ser negro (a) nesse país e entender a construção social da “raça” no contexto das lutas sociais e sua imbricação com as relações de poder e dominação.

Deste modo, concluímos a intervenção de modo satisfatório acreditando que os alunos obtiveram valiosos momentos de aprendizagem e conscientização nos enriquecendo, da mesma maneira, com valores e conhecimentos particulares ao público da EJA.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRASIL. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 1996.

_____. Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003. Altera a Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira”, e dá outras providências. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 2003.

_____. Diretrizes curriculares nacionais para educação das relações étnico-raciais e para o ensino de história e cultura afro-brasileira e africana. Brasília, DF: SECAD, 2004.

_____. Orientações e ações para educação das relações étnico-raciais. Brasília, DF: SECAD, 2006.

LUZ, Itacir Marques. Alfabetização e escolarização de trabalhadores negros no Recife oitocentista: perfis e possibilidades, 2013.

MOREIRA, Antônio Flávio. Candau, Vera Maria. Multiculturalismo: Diferenças Culturais e Práticas Pedagógicas – *Reflexões sobre Currículo e identidade: Implicações para a prática pedagógica*. Petrópolis: Vozes, 2008.

MUNANGA, Kabengele. Superando o racismo na escola. Brasília, DF: MEC/SECADI, 2005.

PEREIRA, Rose Vani. Aprendendo Valores Étnicos na Escola. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2010.

SILVA, Natalino Neves da. Afinal, Todos são iguais: EJA, diversidade étnico-racial e a formação continuada de professores. Belo Horizonte: Mazza Edições 2007.

SOARES, Leôncio. GILVANETTI, Maria Amélia. GOMES, Nilma Lino (Orgs). Diálogos na Educação de Jovens e Adultos. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2007

STRECK, D. R.; SANTOS, K. Educação de Jovens e Adultos: diálogos com a Pedagogia Social e Educação Popular. *EccoS*, São Paulo, n. 25, p. 19-37, jan./jun.2011.